

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL**

PAIMU MUAPEP TRUMAI TXUCARRAMAE

**IDEOFONE E OUTRAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO DO POVO
MÊBÊNGÔKRE**

**Barra do Bugres
2016**

PAIMU MUAPEP TRUMAI TXUCARRAMAE

**IDEOFONE E OUTRAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO DO POVO
MÊBÊNGÔKRE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado de Mato Grosso-
UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est.
Renê Barbour, como requisito parcial para
obtenção do título de Graduado em
Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Pedrosa
Quintino.

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

T968i TXUCARRAMAE, Paimu Muapep Trumai.

Ideofone e outras formas de comunicacao do Povo Mëbengokre / Paimu Muapep Trumai Txucarramae. – Barra do Bugres, 2016. 46 f. ; 30 cm. (ilustracoes) Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino.

1. Povo *Mëbengokre*. 2. Ideofones. 3. Comunicacao Nao-Verbal. I. Quintino, W. P., Dr. II. Titulo.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

Ficha catalográfica confeccionada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar – CRB1 2037.

PAIMU MUAPEP TRUMAI TXUCARRAMAE

IDEOFONE E OUTRAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO DO POVO MÊBÊNGÔKRE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 04 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Professor Orientador

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Professor Avaliador

Prof.^a Dr.^a Mônica Cidele da Cruz
Professora Avaliadora

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

**Barra do Bugres
2016**

AGRADECIMENTO

Agradeço a todos que contribuíram no decorrer desta jornada, em especial, ao ancião *Yobal Metukriri* que teve paciência de expor seu depoimento durante a minha pesquisa.

Agradeço à comunidade da aldeia *Kapoto*, à escola Municipal *Rojkore* que acreditaram no meu esforço.

Agradeço à minha família, que sempre me apoiou nos estudos e nas escolhas tomadas.

Agradeço ao meu pai, por sempre me incentivar e me compreender nos momentos difíceis.

Agradeço ao meu orientador, professor Wellington Pedrosa Quintino, que teve um papel fundamental na elaboração deste trabalho.

Por fim, agradeço às instituições UNEMAT, FUNAI e CAPES, que contribuíram para a minha formação.

RESUMO

Os povos *Mẽbêngôkre* conhecidos mundialmente como *Kayapó*, localizam-se em várias aldeias em terras indígenas do Mato Grosso e Pará, como: Terra Indígena *Kapoto-Jarina*, Terra Indígena *Mekragnotire*, Terra indígena *Kayapó*, Terra indígena *Badjonkore* e Terra indígena *Baú*. Onde constituem um território extenso que abrange a região sul do estado do Pará e norte de Mato Grosso. Temos uma população de aproximadamente 10 mil pessoas. Apesar do contato intenso com a sociedade nacional, os povos *Mẽbêngôkre* ainda praticam a maioria de seus rituais e cerimônias tradicionais, momentos, por excelência, em que são enunciados os ideofones, objeto de estudo desta pesquisa. Existem vários tipos de gritos de chamamento que o povo *Mẽbêngôkre* utiliza na comunicação entre pessoas e grupos de pessoas, específicos para cada festa, cada cerimônia tem uma forma diferente de expressar o grito. O objetivo deste trabalho é, assim, apresentar e discutir alguns ideofones, os mais recorrentes além de outras formas de comunicação não verbais utilizadas pelo povo *Mẽbêngôkre*, na manutenção de seus rituais tradicionais, assim pretendemos mostrar como e quando se dá a comunicação à distância entre esse povo.

Palavras-chave: Povo *Mẽbêngôkre*. Ideofones. Comunicação Não Verbal.

MĚBÊNGÔKRE KABĚN KÔT Ā UJARĚJ

Měbêngôkre, nhym kubĕn te mẽ mã kaiapó jarĕj, mẽ arym apyin kuêdja Mato Grosso mẽ Pará kãm, nĕ apyin ô bá nokárĕj, kubê nĕ Kapôt Jarina, Kayapó, Mĕkragnetire, Badjonkôre, Baú nĕ kãm krã ã akre kubê dez mil mẽ. Nĕ kãm kuben te mẽ krôrô nhi'ukri arek kukrádjá rã'ã, toro rã'ã nĕ kaben rã'ã. Kãm nĕ mẽ mẽtoro djári abĕn mã kára, kãm dja ije apyin mẽ te abĕn mã kára djári no ôk nĕ kãm ajte mýjja ô kôt te abĕn mã kabĕn jarĕnho ba ije no ôk mã.

Idjujarĕj djwýj: mẽ abĕn mã kára mẽ myja o mẽ te abĕn mã myja jarĕj

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Imagem da TI <i>Kayapó</i> , localizando todas as aldeias.	11
Figura 2 –	Realização de Ritual <i>Bêmp</i>	12
Figura 3 –	Festa das mulheres realizada na aldeia <i>Kapoto</i>	12
Figura 4 –	Imagem aérea da TI <i>Kapoto-Jarina</i> com indicação da aldeia <i>Kapoto</i>	13
Figura 5 –	Imagem aérea da aldeia <i>Kapoto</i> , em detalhe.....	13
Figura 6 –	Vista aérea da aldeia <i>Kapoto</i>	14
Figura 7 –	Grupo de caçadores partindo para caça.....	19
Figura 8 –	Momento de ensaio para realização dos cantos no período da tarde	20
Figura 9 –	Ensaio da Festa dos Homens.....	20
Figura 10 –	Imagem das mulheres se juntando para realização de ensaio.	21
Figura 11 –	Momento de ensaio das mulheres	22
Figura 12 –	Homens reunidos na casa dos homens após atenderem ao grito de chamamento.....	23
Figura 13 –	Momento de gritos cotidianos.....	23
Figura 14 –	Pessoas na casa dos homens no período noturno que atenderam ao chamamento.....	24
Figura 15 –	Pessoas na casa dos homens no período noturno que atenderam ao chamamento.....	24
Figura 16 –	Momento de enunciação do grito que marca o início da caçada.....	25
Figura 17 –	Momento do retorno da caçada de jabuti	26
Figura 18 –	Momento que os pescadores batem timbó	27
Figura 19 –	Durante a caçada de jabuti, no momento que acham o animal	28
Figura 20 –	Caçador já com jabuti.....	29
Figura 21 –	Caçadores levando jabuti para acampamento	30
Figura 22 –	Caçador levando jabuti para acampamento.....	30
Figura 23 –	Momento da caçada da anta e divisão das partes	31
Figura 24 –	Momento em que o dono da festa recebe o animal e o prepara para assar	33
Figura 25 –	Momento em que as mulheres vão em direção às roças	38
Figura 26 –	Momento em que alguém deixa indicação do caminho para outra pessoa	39
Figura 27 –	Sinais de comunicação utilizando folhas	40
Figura 28 –	Momento em que o caçador faz uma comunicação utilizando a árvore	41

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
CAPÍTULO I	15
1.1 Sobre ideofones.....	15
CAPÍTULO II.....	18
2.1 Sobre os ideofones em <i>Mêbêngôkre</i>	18
2.2 O ideofone para festa dos homens	19
2.3 O ideofone das mulheres.....	21
2.4 O ideofone na casa dos homens	22
2.5 O ideofone <i>Barikawô</i>	25
2.6 O ideofone do retorno do acampamento	25
2.7 O ideofone para pescaria.....	26
2.8 O ideofone para jabuti.....	27
2.9 O ideofone para a anta	31
2.10 O ideofone em voz fina.....	31
CAPÍTULO III	33
3.1 O ideofone para as músicas dos animais.....	33
3.2 Relação de cantos e músicas relativas a cada animal da floresta.....	34
CAPÍTULO IV.....	38
4.1 Comunicação não-verbal	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
CONSULTORES NATIVOS.....	44

APRESENTAÇÃO

O surgimento do povo *Měbêngôkre*¹ foi, de acordo com o mito de origem, a partir da descida do céu. Segundo o mito contado, todas aquelas pessoas naquela época viviam no céu, até que dois caçadores acharam uma cova do tatu com rastros levando para dentro, depois disso resolveram desenterrar e encontrar o animal. Continuaram a cavar e, de repente, vararam com o cavador a cobertura do céu. Aproximaram-se, então, para ver o buraco, vendo pelo buraco a terra embaixo com suas riquezas das árvores frutíferas. Todos resolveram abandonar o céu. Juntando tudo quanto havia de algodão encontrado na aldeia, fizeram um cabo grosso, amarraram numa árvore do céu, atirando a outra ponta pelo buraco abaixo. Os mais corajosos conseguiram descer para a terra, e os medrosos desciam um pouco, logo perdiam coragem e retornavam a subir pelo cabo. Por fim, uma parte ficou definitivamente no céu e recolheu o cabo deixando os que desceram para a terra, separados em dois grupos. Na terra, o grupo *Měbêngôkre* começou a viver com sua cultura, tradição e língua como vivia no céu.

De acordo com história do povo *Měbêngôkre*, contada pelos mais velhos, todas as pessoas formavam um único povo, que falavam a mesma língua para se comunicar entre si. Tinha a mesma cultura, o mesmo modo de viver, até que em um determinado momento corta o tronco de um milho sagrado para nosso povo, foi quando o povo começou a se desentender e não podia mais se comunicar por causa das línguas diferentes. Por conta disso, é que dá para entender mais ou menos a língua de alguns povos, enquanto de outros é impossível entender algumas palavras. E é assim como conta a história que envolve o milho sagrado que os *Měbêngôkre* explicam a diversidade etnolinguística em que são envoltos.

Segundo Quintino (2012,17-18), a família Jê foi proposta pela primeira vez por Schmidt (1926). Nimuendajú (1932) que apresentam uma revisão dessa mesma proposta, e, da mesma forma, o fazem Loukotka (1942), Masan (1950), Davis (1966), Rodrigues (1986), Greenberg (1987), Kaufman (1994), Teixeira (1995) e, por fim, Rodrigues (1999). Segundo Rodrigues, a família Jê subdivide-se em três ramos principais: os Jê Meridionais, os Jê Centrais e os Jê Setentrionais. A última proposta de relacionamento genético para as línguas dessa família, foi feita por Jolkesky (2010), que inclui também línguas extintas, é a que segue:

¹ *Měbêngôkre* é o nome dado ao grupo principal da família Jê Setentrional.

JÊ SETENTRIONAL*Apinayé**Kayapó* *Mẽbêngôkre**Xikrín**Panará**Suyá-Tapayúna* *Suyá**Tapayúna**Timbira* *Apãniakrá**Krahô**Krejê**Krikati**Ramkokamekrá**Parkatêjê**Pykobjê***JÊ CENTRAL***Akroá ƒ**Xakriabá ƒ**Xavante**Xerente**Jeikó ƒ***JÊ MERIDIONAL***Ingain ƒ* *Ingain ƒ**Kimdá ƒ**Kaingang-Xokleng Kaingang**Kaingang* *Kaingang**Kaingang Paulista**Xokleng*

Figura 2 – Realização de Ritual *Bẽmp*



Fonte: Bekro Metuktire, 2015

Na imagem acima, em primeiro plano, *Bepkaroti*, dançarino que conduz a dança e é seguido pelos companheiros durante a festa *Bẽmp* (denominação de nome iniciada com *Bep*), dança da arara, realizada em dezembro de 2015.

Figura 3 – Festa das mulheres realizada na aldeia *Kapoto*

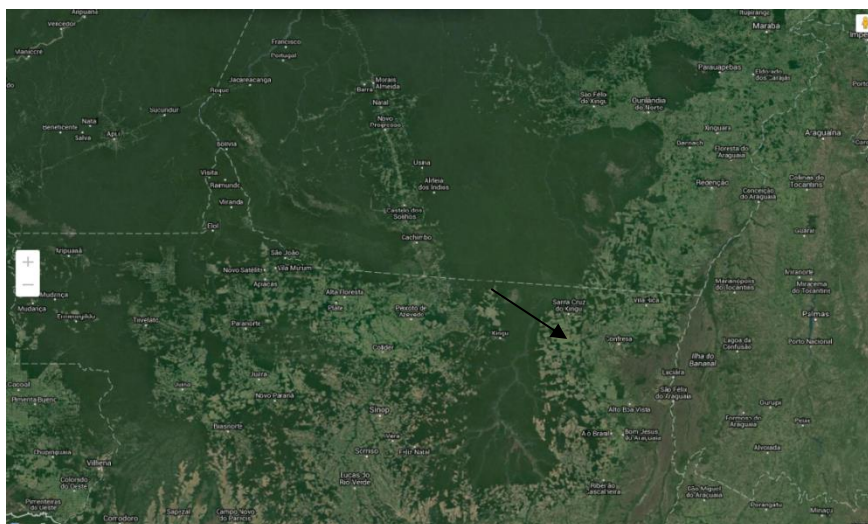


Fonte: Bekro Metuktire, 2013

A aldeia *Kapoto* está localizada na Terra Indígena *Kapôt-Jarina*, município de Peixoto de Azevedo, com uma população de aproximadamente 573 pessoas, distribuídas entre mais de 120 famílias. As casas são feitas de paredes de madeira e com cobertura de folha de bananeira, que duram aproximadamente 10 anos.

A aldeia possui ainda uma escola, a Escola Municipal Indígena *Rojkore* atendida pelo município de Peixoto de Azevedo MT e conta com aproximadamente 200 alunos, distribuídos em 11 turmas de séries iniciais que vai do 1º ciclo da I Fase ao 3º ciclo da III Fase, e 11 professores indígenas *Mëbêngôkre* contratados.

Figura 4 – Imagem aérea da TI *Kapoto-Jarina* com indicação da aldeia *Kapoto*.



Fonte: www.google.com.br/googleearth

Figura 5 – Imagem aérea da aldeia *Kapoto*, em detalhe.



Fonte: www.google.com.br/googleearth

Figura 6 – Vista aérea da aldeia *Kapoto*.



Fonte: Bekro Metuktire, 2016

Por fim, o objetivo deste trabalho é apresentar e discutir alguns ideofones utilizados pelo povo *Měbêngôkre*. Para tanto apresentamos as entrevistas e relatos feitos por 3 (três) pessoas da comunidade, mais velhos, assim como os depoimentos dos 2 caçadores que são os detentores desses saberes.

Nosso trabalho foi dividido em quatro capítulos, sendo que no primeiro apresentamos o povo *Měbêngôkre* de forma geral. No segundo capítulo, discutimos o conceito de ideofone em outras línguas naturais. No terceiro capítulo, discutimos e apresentamos os ideofones em *Měbêngôkre*. Ao final, no quarto capítulo, apresentamos os ideofones do *Měbêngôkre* além de outras formas de comunicação não verbal.

CAPÍTULO I

Tratamos de apresentar neste capítulo os diferentes conceitos de ideofones disponíveis na literatura e relacionar alguns ideofones que são mais recorrentes na fala do povo *Mëbêngôkre*, bem como demonstramos como se dá outras formas de comunicação à distância entre esse povo.

1.1 Sobre ideofones

Sobre ideofones, D'Andrade (2007: 127), em Quintino (2012), faz o seguinte comentário:

O conceito de ideofone foi estudado por Welmers (1973) em várias línguas africanas e é um termo criado por Doke (1935), que significa "a representação vívida de uma idéia com sons". É uma palavra que descreve um predicado, qualificativo ou advérbio, relativamente ao modo, à cor, ao cheiro, à intensidade, à dor, ao tamanho, etc. Digamos que é como se fosse uma onomatopeia ou uma interjeição. Sendo expressivos, alguns são ambíguos e só o contexto pode dar uma interpretação correta. Os ideofones tendem a ser icônicos e a ter um comportamento sonoro-simbólico.

O termo ideofone encontra na literatura várias outras definições, mas nenhuma parece abranger a complexidade do fenômeno. As tentativas mais bem sucedidas de conceituar ideofones são aquelas que enquadram as muitas características destes elementos em grupos prototípicos e, dessa forma, restringem os ideofones a grupos de línguas ou áreas linguísticas (Bartens 2000; 13), em Araujo (2009; 23). A definição clássica de Doke (1935: 118-119) considera o ideofone como, 'uma representação vívida de uma ideia através do som'. Ou seja, uma palavra, comumente onomatopaica, que descreve um predicado, um qualificativo ou um advérbio em relação ao seu modo, cor, som, cheiro, ação, estado ou sua intensidade. Deve-se apontar que, geralmente, regras especiais de duração, tom e acento, aplicáveis a formas gramaticais ordinárias, diferem consideravelmente no caso dos ideofones.

Bartens (2000: 19-20), baseada em vários corpora contendo ideofones, cria, por sua vez, uma tipologia translinguística, identificando três diferentes tipos de ideofones:

(i) ideofones intensificadores ou partículas exclusivas: correspondem ao grau advérbio nas línguas europeias e frequentemente modificam um único, e em alguns raríssimos casos, dois ou três verbos ou adjetivos (ou elementos correspondentes a essas categorias nas línguas europeias), comumente no sentido de intensificação positiva, *i.é*, 'muito; completamente'. No

entanto, é possível também uma atenuação do conteúdo semântico do item modificado e isto deve ser considerado uma sub-função da classe dos ideofones. Estes são os ideofones mais dificilmente associados a origens onomatopaicas;

(ii) ideofones empregados em construções quotativas com ou sem um auxiliar. Estes ideofones são frequentemente onomatopaicos, porém, podem também expressar, por exemplo, a velocidade de um movimento;

(iii) ideofones com um significado independente. Podem corresponder a substantivos, verbos, adjetivos ou a advérbios das línguas europeias e podem ser elementos sintaticamente independentes. Esta categoria inclui todos os ideofones que não se ajustam às categorias (i) e (ii).

Bartens (2000; 14) menciona ainda que os ideofones tipicamente apresentam sons e combinações de sons não encontradas no inventário fonológico da língua. No caso dos ideofones identificados em *Měbêngôkre*, esses parecem se aproximar da categoria (iii) de Bartens (op. cit.), o que iremos mostrar mais à frente.

Trask (1996: 176) define ideofone como sendo:

uma das classes excepcionais de itens lexicais que ocorrem em algumas línguas que expressam tipicamente algum tipo particular e distintivo de som ou movimento. Em muitas dessas línguas, os ideofones são fonologicamente excepcionais em permitir segmentos ou sequências de segmentos que não ocorrem em nenhum outro lugar e eles são, com muita frequência, reduplicados.

Trask cita ainda alguns ideofones em *Apalai*, uma língua Caribe, que retomamos abaixo:

- | | |
|-----------------------------|--------------------------|
| (i) <i>kutekutekute</i> | ‘frog (croak)’ |
| (ii) <i>pyhtere</i> | ‘jump into the canoe’ |
| (iii) <i>syrý tope topõ</i> | ‘falling into the water’ |
| (iv) <i>kuikui</i> | ‘screaming’ |
| (v) <i>sekyseky</i> | ‘creep up’ |
| (vi) <i>tytyty</i> | ‘person walking’ |
| (vii) <i>wywy-wywy</i> | ‘hammock swinging’ |
| (viii) <i>uroruro</i> | ‘trees falling’ |
| (ix) <i>tututututu</i> | ‘fast approach’ |

Existem vários tipos de gritos de chamamento, aqui identificados como ideofones que o povo *Měbêngôkre* utiliza para chamar as pessoas, e cada festa que se realiza tem uma forma diferente de expressar o grito. O povo *Měbêngôkre* pratica vários ritos e cerimônias que se

realizam num determinado tempo com consenso da comunidade e caciques. Há também outra forma de comunicação na caçada e na música, referindo-se a uma caça de um determinado animal, que veremos nas páginas adiante.

Existem ainda várias outras formas de o povo *Měbêngôkre* utilizar para se comunicar, por exemplo, através dos gritos, das músicas e também de forma não verbal, que são utilizadas a partir da própria natureza, como detalharemos mais a frente neste trabalho.

CAPÍTULO II

Tratamos neste capítulo de registrar e descrever a situação de uso dos ideofones em *Měbêngôkre* assim como descrever alguns aspectos da complexa comunicação à distância desenvolvido milenarmente pelo povo *Měbêngôkre* e realizado em diferentes situações de uso da língua.

2.1 Sobre os ideofones em *Měbêngôkre*

A comunicação à distância em *Měbêngôkre* é utilizada para caçada e se dá quando um grupo de caçadores está indo para a mata saindo da aldeia para uma caçada. O primeiro grito, momento da enunciação, de um caçador, significa que está chamando o outro para ir a uma caçada e, o segundo grito da outra pessoa (caçador) é uma resposta ou confirmação que a pessoa também está indo para caçada.

Este mesmo sinal de comunicação também serve quando uma pessoa encontra com o porco do mato (queixada). A pessoa usa este sinal alertando com grito em voz fina. Já aqueles que estão distantes percebem através do sinal que algum caçador do grupo encontrou porco queixada no mato e que o outro está comunicando sua existência. Ou seja, a pessoa que estiver na aldeia, quando ouvir esse grito, já corre para apanhar suas armas de caçada e corre atrás da queixada. No momento da enunciação do grito o primeiro da fila grita enquanto o último responde, enquanto aqueles que estão no meio da fila permanecem em silêncio, como na foto abaixo.

Ideofone (1)

1º grito (chamamento): *me rua rua!!*

2º grito (resposta): *auuuuuu*

Figura 7 – Grupo de caçadores partindo para caça



Fonte: Barikai Mekragnotire, 2014

2.2 O ideofone para festa dos homens

Os gritos geralmente são realizados no período da tarde e nas madrugadas. No período da tarde, aquela pessoa que estiver primeiro na casa dos homens começa a chamar através dos gritos aqueles que ainda estão em suas casas, até juntar todos para iniciarem os ensaios dos cantos tradicionais relativos à festa dos homens.

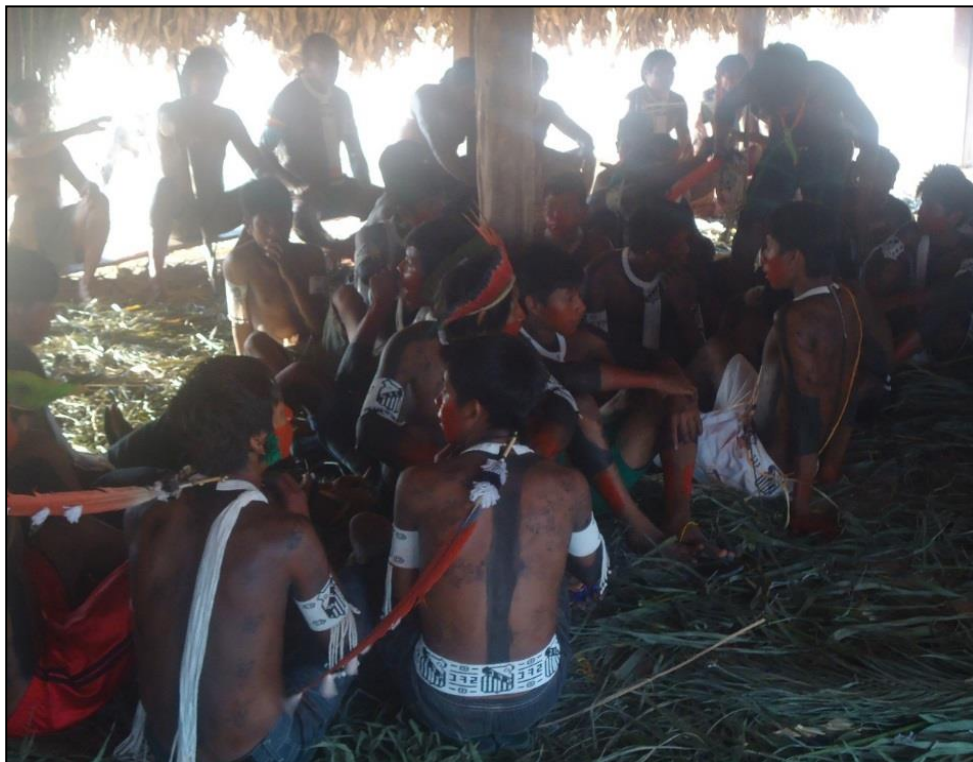
No período da madrugada, são os mesmos procedimentos dos sinais de comunicação que identificamos como uma expressão de chamamento. A pessoa que estiver na casa, fica atento para chegar a tempo, antes de começar o canto (música).

Faz parte de uma das regras desta festa, para aqueles que chegarem depois de iniciar o canto, de alguma forma atrasados, serem tratados de brincadeira com zombaria ou vaiados pelo grupo que está cantando e que chegou antes do “atrasado”, portanto, na hora certa.

O ideofone (2) de chamamento paro o ensaio:

Wýwýwý...

Figura 8 – Momento de ensaio para realização dos cantos no período da tarde



Fonte: Bekro Metuktire, 2011

Figura 9 – Ensaio da Festa dos Homens



Fonte: Bekro Metuktire, 2011

Já a outra expressão de grito é utilizada para vários ritos e cerimônias como: *Tàkàk* (festa de nomeação *takàk*, realizada com talo de buriti, “*puté*”), *Mê no’ôk* (festa do milho), *Mê krãkadjy mêtoro* (festa do milho), *Mê amijã pronhô* (festa para derrubada da roça), *Bêmb* (grande ritual que marca a cerimônia de nomeação *Bemb*) dentre outros. Essa mesma expressão de grito já pode ser utilizada para estes ritos.

Àà.... (chamamentos)

2.3 O ideofone das mulheres

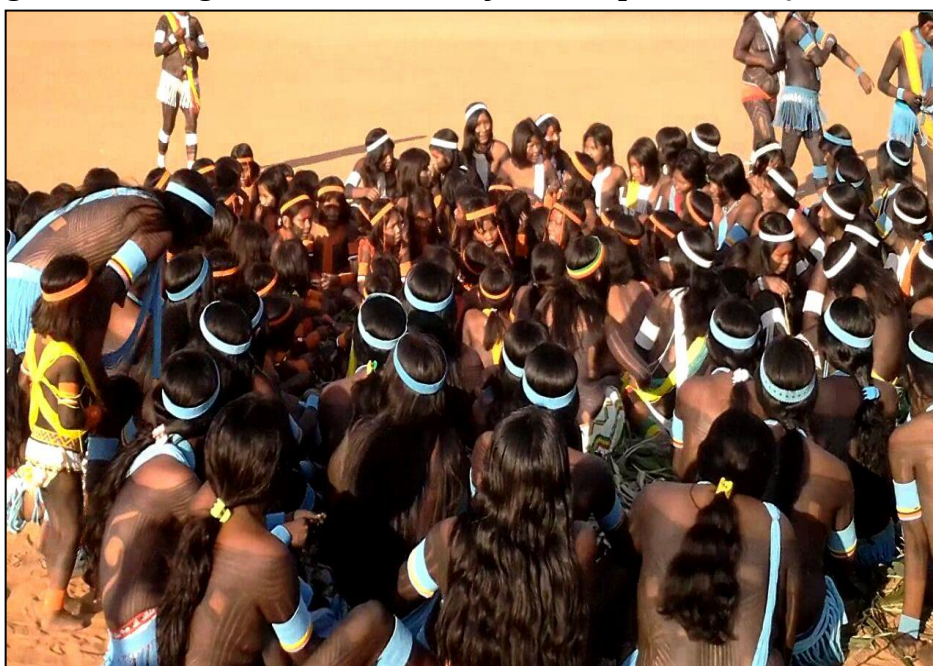
O processo do rito das mulheres obedece às mesmas regras que o dos homens. O ensaio para a realização do canto acontece no período da tarde e também nas madrugadas. O grito das mulheres não pode ser realizado por qualquer mulher, apenas aquelas escolhidas pelas anciãs que são responsáveis por essa prática, portanto, o grito das mulheres difere substancialmente do dos homens.

Ideofone (3): expressão de chamamento.

À!!!à à.....

Do ponto de vista fonético, trata-se da repetição (três vezes) de uma vogal central média (chuá), produzidas com um certo grau de prolongamento.

Figura 10 – Imagem das mulheres se juntando para realização de ensaio.



Fonte: Bekro Metuktirre, 2015

Figura 11 – Momento de ensaio das mulheres



Fonte: Bekro Metuktire, 2015

2.4 O ideofone na casa dos homens

A expressão do grito na casa dos homens é utilizada no dia-a-dia pelo povo *Mêbêngôkre*. O grito geralmente é a forma de deixar a casa dos homens, demonstrando entusiasmo, deixando o anseio dos ouvintes. Faz o ouvinte quem estiver distante da casa dos homens observarem, raciocinar e tentar descobrir a pessoa que está fazendo o grito. Faz com que esta pessoa que estiver retornando da atividade da lavoura, caçada ou outra atividade, ao ouvir o grito, já raciocina, imagina que há grande número de pessoas na casa dos homens e, ao chegar na sua casa, vai para casa dos homens às pressas. O grito não significa chamamento para realização de uma festa, pois desperta a curiosidade dos outros que estiverem em casa e faz a pessoa comparecer na casa dos homens. Por ver grande número de pessoas comparecendo na casa, a vontade é grande enquanto se ouve o grito.

Qualquer pessoa, tanto os mais velhos ou jovens, pode fazer o grito, desde que tenha uma boa voz, afinada e alta de forma que as pessoas possam ouvi-lo.

Expressão de grito:

Ideofone (4): gritos cotidianos.

Kyyyyy!!!!

As imagens abaixo mostram a quantidade de pessoas que compareceram e se reuniram na casa dos homens, no período da manhã, após atenderem ao grito de chamamento.

Figura 12 – Homens reunidos na casa dos homens após atenderem ao grito de chamamento



Fonte: Bekro Metuktire, 2015

Figura 13 – Momento de gritos cotidianos



Fonte: Bekro Metuktire, 2015

Há outro grito na casa dos homens durante à noite, quando chega a hora de sair da casa dos homens. É um grito de despedida e/ou finalização daquela atividade ou reunião. Os gritos são feitos em coletivo, anunciando que todos vão sair para suas casas.

Figura 14 – Pessoas na casa dos homens no período noturno que atenderam ao chamamento



Fonte: Bekro Metuktire, 2015

Figura 15 – Pessoas na casa dos homens no período noturno que atenderam ao chamamento



Fonte: Bekro Metuktire, 2015

Expressão de grito:

Ideofone (5): gritos cotidianos.

Ôôô...

2.5 O ideofone *Barikawô*

O grito *Barikawô* é uma forma de autorização para início da caçada, como ilustrado abaixo. Os caçadores escolhem um lugar para fazerem a coleta de jabutis ou caçada de animais. Ao se aproximarem do lugar onde tem muita caça os caçadores esperam pelos outros chegarem para realizar o grito *Barikawô*. Ao se juntarem, todos os caçadores realizam este grito, em coletivo, expressando o grito *Barikaaaawô*. Assim os caçadores já podem iniciar sua caçada.

Ideofone (6):

Barikaaaawô.....

Figura 16 – Momento de enunciação do grito que marca o início da caçada



Fonte: Bekro Metuktire, 2015

2.6 O ideofone do retorno do acampamento

Ao terminar a caçada do jabuti e outros animais, o dono da festa é o primeiro a ir na frente para aldeia, para que no dia seguinte ele possa retornar levando algo para os caçadores e aqueles que estão carregando os jabutis se alimentarem no meio do caminho.

Enquanto o dono da festa sai do acampamento para aldeia, os caçadores produzem um grito coletivo *wô* e, em seguida, os caçadores começam a reproduzir o grito *kwy*, significando que terminou a caçada e que no dia seguinte estarão retornando para aldeia.

Ideofone (7): A expressão do grito:

Kwy!!!!

Figura 17 – Momento do retorno da caçada de jabuti



Fonte: Bekro Metuktire, 2014

Ao chegar à aldeia, os homens fazem fila única indo na direção da casa dos homens, reproduzindo o mesmo grito. Há outro grito coletivo, *Kubêre....* também utilizado nesse momento.

2.7 O ideofone para pescaria

A pescaria de timbó também é uma prática tradicional do meu povo. Ao combinarem o dia da pescaria, os pescadores se antecipam e se preparam para colher timbó para que no dia seguinte eles possam bater timbó. O timbó é outra forma do povo *Mêbêngôkre* praticar pescaria em busca de sua alimentação e também a forma mais fácil de pegar peixe anestesiando com

espuma do timbó. Os pescadores seguram os feixes do timbó mergulhado na água e batem com um pau nos feixes de timbó dentro d'água até sair espuma.

No momento de pegar o timbó, eles realizam cantos enquanto vão à procura de timbó, qualquer música pode cantar. Esta prática obedece à regra de bater timbó.

No dia seguinte, já praticam a pescaria batendo timbó na água. No momento da pescaria, há regras do grito.

O grito durante a prática de bater timbó ocorre quando a pessoa for o primeiro a apanhar o peixe, já anuncia que apanhou peixe com expressão de grito:

Ideofone (8)

Me tepewàwà, Me tepewàwà

Ao ouvir o grito de anúncio, os pescadores já correm às pressas para apanhar os peixes que já começaram a boiar por causa da espuma do timbó.

Figura 18 – Momento que os pescadores batem timbó



Fonte: Barikai Mekragnotire, 2015

2.8 O ideofone para jabuti

O jabuti é uma das espécies mais caçadas pelo povo *Mêbêngôkre* para realização de todas as festas tradicionais. Há um ideofone específico para anunciar a captura de um jabuti.

Figura 19 – Durante a caçada de jabuti, no momento que acham o animal



Fonte: Bekro Metuktire, 2016

A disputa entre caçadores de jabuti é fundamental, e aquela pessoa que for a primeira a encontrar a jabuti, faz um anúncio com grito para outro caçador poder ouvir e, logo em seguida, começar a fazer o canto direcionado ao jabuti. Para os mais velhos, ao encontrarem um jabuti, a expressão utilizada para anunciar o achado também significa uma expressão de contentamento e alegria.

O grito no momento de encontrar com jabuti:

Ideofone (9)

wɣwwɣwɣ

Ao ouvir essa expressão, o que se percebe dentre outros caçadores, é o lamento e a decepção por não ter sido aquele a encontrar primeiro.

Há ainda diferentes e variadas músicas para a coleta específica de jabutis, cuja caça é uma das principais entre meu povo.

Figura 20 – caçador já com jabuti



Fonte: Bekro Metuktire, 2016

Diferentes caçadores têm que cantar diferentes músicas para anunciar a coleta dos jabutis, haja vista a existência de várias músicas relacionadas a esse animal, mesmo porque o jabuti é considerado entre os *Měbêngôkre* como uma das principais iguarias mais apreciadas pelo povo.

O jabuti é também utilizado como forma de pagamento dos padrinhos feito pelo dono da festa e como forma de compensação no tratamento entre os padrinhos para minimizar conflitos internos além de trazer alegria e brincadeiras entre os padrinhos e o dono da festa. É também uma forma de fortalecimento dos vínculos existentes entre os participantes.

Figura 21 – Caçadores levando jabuti para acampamento



Fonte: Bekro Metuktire, setembro de 2011

Figura 22 – Caçador levando jabuti para acampamento



Fonte: Barikai Mekragnotire, 2014

2.9 O ideofone para a anta

Quando se caça uma anta, os caçadores utilizam uma expressão específica para se comunicar, avisando para o outro que tal animal foi capturado.

Após caçar uma anta, e o animal estiver totalmente apagado, o caçador anuncia com grito legitimando sua caça. Depois disso, faz outro grito pedindo ajuda para outro caçador para ajudar a transportar a carne do animal.

A expressão do ideofone legitimando a caça da anta:

Ideofone (10)

Ky ky....

O ideofone pedindo ajuda:

Ideofone (11)

Ýraaprõtà....

Figura 23 – Momento da caçada da anta e divisão das partes



Fonte: Bekro Metuktire, 2016

2.10 O ideofone em voz fina

O grito em voz fina é fundamental para comunicação entre os povos *Mêbêngôkre*, como, por exemplo, na caçada, dois caçadores precisam estar fazendo gritos comunicando uns aos outros para não se distanciarem muito, caso um deles não conheça a mata onde ele está caçando.

Gritando em voz fina aguda ele consegue alcançar a pessoa que estiver distante, e a pessoa consegue ouvi-lo. E já o grito em voz grossa grave já não consegue alcançar a pessoa que está a uma distância maior.

O grito de comunicação:

Ideofone (12)

Ky!!!!

Resposta: *Ky!!!*

Já, as mulheres também fazem o grito de comunicação quando vão para as roças, pegar lenha ou outro trabalho. Elas fazem o grito comunicando umas às outras.

Ideofone (13)

Ôky!!!!

Resposta: *ÔÔ!!!!*

Ambas são formas de iniciar o grito de comunicação à distância das mulheres.

No entanto, se uma mulher fizer o grito para um homem, a expressão do grito será *ôky*, enquanto o homem responderá *Ky*. Da mesma forma, quando o homem expressar o grito *Ky* para mulher, ela responderá *ô*. Assim, cada grito difere, a partir do sexo de quem grita, ou seja, cada sexo, masculino ou feminino, tem sua própria forma de chamada e resposta específicas.

CAPÍTULO III

Tratamos agora de discutir outras formas de comunicação entre o povo *Měbêngôkre*. As músicas e cantos mantêm uma relação direta com diferentes animais, além de diferentes expressões de chamamento utilizadas em situações específicas como pescarias e caçadas.

3.1 O ideofone para as músicas dos animais

As músicas que se referem a cada animal vieram através do sonho dos pajés. Os pajés aprenderam as músicas de cada animal e estas são repassadas para comunidade, as quais são utilizadas para cada animal e que são praticadas durante as festas, desde o tempo passado na época do descobrimento da música até os dias de hoje.

Cada animal que é de caçada tem suas músicas específicas, quando for, no caso, uma caçada. A comunidade acampa na mata para fazer a caçada e realizar a festa depois de conseguir as caças para garantir o consumo durante a festa.

Figura 24 – Momento em que o dono da festa recebe o animal e o prepara para assar



Fonte: Bekro Metuktire, janeiro de 2016

Há um momento específico de enunciação do canto. Durante cada caçada de um determinado animal, há uma música específica para ser cantada. A importância de fazer o canto de um animal é para que o dono da festa possa ouvir e se preparar para apanhar as lenhas, pedras e outros preparos para receber o animal e dar o tratamento adequado para tal animal.

Para que o dono da festa tenha certeza de qual animal um caçador está trazendo, é preciso conhecer as músicas relacionadas a cada um. Já aqueles caçadores que conhecem as músicas durante a caçada, também, através da música de um determinado animal, já sabem quais animais que um determinado caçador está levando para o acampamento, inclusive, vai ao local onde está o animal para ajudar a carregar ou pegar pedaços dele na divisão, quando for um animal de grande volume como a anta, tamanduá, caititu, dentre outros animais de grande porte.

Como dissemos anteriormente, cada animal tem seu canto, música específica que é identificado tanto pelo dono da festa quanto pelo caçador. Por exemplo, existe o canto da anta, do tamanduá, do queixada, do caititu, do macaco. Há também músicas para anunciar a coleta de mel, assim como uma música para a coleta de aves, em geral.

3.2 Relação de cantos e músicas relativas a cada animal da floresta

A escolha da seleção das músicas se deu a partir da nossa percepção, ainda que intuitivamente, pois parecem ter a mesma função que a dos ideofones, posto que essas músicas específicas cumprem essa função e tem um lugar específico de enunciação.

Abaixo, escrevemos alguns cantos que matem uma relação onomatopaica com diferenças entre aves e animais e que constituem parte do referencial cultural do povo *Mêbêngôkre* e compõe a cultura imaterial do meu povo.

Aves:

Batyky tire bê imara pyta

Batyky tire bê imara pyta

Batyky tire bê imara pyta

Na kruwa já mônê ijo dja

Batyky tire bê imara pyta

Batyky tire bê imara pyta

Diferentes animais:

Macaco:

Naba pĩpa tã wabê nê

Naba pĩpa tã wabê nẽ

Ija rinã kukôjre

Naba pĩpa tã wabê

Jabuti:

Ba!! inokangô!! to

Měi kumã nõnẽ

Imàrà!! to

Ĩ!! ã'ĩ'ĩ!!' ã.....

Porco

Ikudjy!!! a goto djuwa ikudjy!!!

Djàj be tuture naba igwy nhire to mẽ wamã ngôre akatô kô ikudjy!!

Anta:

Kukry tybe!! Rôro tumu re na pidjô djuwa punẽ kudja

Nẽ kute mẽ ba ã kapĩ nimã

Ba ija to kwỳrỳ be!! mẽ wapry kamã kudja

Ba ija to kwỳrỳ be mẽ wapry kamã kudja

Karô nõdjô Karô nõdjô, toba jê nhinẽ

Bàri rerekedjô mẽ to bajêj nhine. uwau!!

Caititu:

O baj ngywy kammỹ nõ

O baj ngywy kammỹ nõ

O baj ngywy kammỹ nõ!!

Angrôre ngywy kammỹ nõ

Angrôre ngywy kammỹ nõ

Tatu:

O ba jngywy kammỹ nõ

O baj ngywy kammỹ nõ

O baj ngywy kammỹ nõ!!

Na tônôre ngywy kammỹ nõ

Na tônôrengywykammỹnõ

Tamanduá:

Ijapykĩ!! Tire arĩkikwỳ!! nẽ gê nõ(bis)2

Ô na ijê tê

Ô na ijê tê

Ô na ijê tê

Tatu canastra

Djo apjêtetire nhiko popojre

Na kumã kwaaêaê

Na kumãwakwa

Veado:

Bangĩadjyka na nõ

Bangĩadjy kurê

Bangĩadjyka na nõ

Peixe:

Ngô wa nhipoko ri nõ

Ngô wa nhipoko ri nõ

Kôrãtire amy to ngô kurwa nẽ nõ

Abelha (coleta):

Kumã tyry pynê

Kumã tyr ypynê

Kumã tyry pynê

Mẽ menhire kangô mã tyry pynê

Kumã tyry pynê

Estas músicas transcritas acima constituem formas ancestrais de ensino e aprendizagem do referencial cultural *Mêbêngôkre*.

Para aprender a cantar e ao mesmo tempo relacionar tais músicas com um determinado animal preciso que os mais jovens buscam ensinamento com mais velhos ou participem da prática da caça.

Cada ancião é responsável pelo ensino de uma música específica para cada animal, pois as músicas não são praticadas normalmente no cotidiano, só são praticadas em momentos específicos de sua enunciação, ou seja, nos períodos de caçadas para realização de festas e outros rituais.

CAPÍTULO IV

Tratamos neste capítulo de descrever outros aspectos de comunicação não-verbal entre o povo *Mëbêngôkre*.

4.1 Comunicação não-verbal

Existe outro tipo de comunicação que meu povo utiliza para se comunicar à distância, de forma não-verbal, utilizando as folhas das árvores, sendo que as folhas são indicadores de direção e fornecem informações para as pessoas para aqueles que as encontram. Caso a pessoa, durante uma caçada ou outras atividades que ocorrem na mata, não conheça o caminho a seguir, aquela pessoa que conhece esse caminho vai jogando as folhas que funcionam como pistas, colocando-as no caminho em forma de bifurcação, onde não se deve seguir, o caminho errado. No caminho onde estão dispostas as folhas no chão não é para seguir, o caminho que se deve seguir é aquele que não tem folhas. Dessa forma, não-verbal, através das folhas a pessoa consegue chegar num determinado lugar em segurança, sem se perder na mata.

Figura 25 – Momento em que as mulheres vão em direção às roças



Fonte: Bekro Metuktire, 2015

Existe outro tipo de comunicação que ocorre durante o retorno da caçada, uma comunicação que se dá também de forma não verbal, utilizando a marcação das folhas.

Quando retornar da caça, cada caçador joga a folha de uma árvore no caminho, sendo qualquer árvore e que seja de tamanho de aproximadamente meio metro, informando para outros caçadores que o próprio está indo na frente retornando da caçada, e os outros caçadores que estão retornando, ao ver a folha já sabem, identificam o sinal que uma pessoa está comunicando que o mesmo está indo na frente da caçada.

Figura 26 – Momento em que alguém deixa indicação do caminho para outra pessoa



Fonte: Bekro Metuktire, março de 2016

De acordo com a quantidade de caçadores, as folhas têm que coincidir na mesma proporção para ter certeza se todos os caçadores retornaram da caça.

Quando todo mundo chegar ao ponto de chegada, ou seja, ponto de encontro de caçadores, eles perguntam uns aos outros, caso alguns deles não chegarem, contando com a quantidade das folhas que falta, eles já sabem da pessoa que ainda não chegou no ponto de encontro.

Essa indicação não-verbal também é utilizada em outras situações do cotidiano da aldeia e não apenas em caçadas.

Figura 27 – Sinais de comunicação utilizando folhas



Fonte: Bekro Metuktire, 2016

A exemplo de outras formas de comunicação à distância, o povo *Mêbêngôkre* tem desenvolvido, ao longo dos anos, uma forma eficiente de se comunicar a distância, utilizando elementos da própria natureza.

Trata-se da utilização de uma árvore, em português, conhecida como guarantã, cujo tronco, tem sua forma retorcida, formando espaços vazios, como fendas ao longo de todo o tronco. Tais fendas funcionam como propagação dos sons resultantes das batidas em seu caule.

Esse sinal é usado, principalmente, quando um caçador perde o caminho para retornar de caçada, ou seja, se perder na mata, ou quando os caçadores combinarem a hora de chegar do mato.

Ao chegar na hora de retornar da caçada, o companheiro corta um pedaço de um toco de um metro de comprimento de uma árvore e bate no tronco da árvore, dando um sinal para que os caçadores possam ouvir através do som para poderem voltar da caçada. Quando bate numa árvore, o som é tão forte que o caçador consegue ouvir num lugar bem distante, e vai em direção onde a pessoa está batendo no tronco da árvore. Este tipo de sinal ajuda os caçadores a evitar de se perder na mata e consegue chegar ao lugar onde estão batendo na árvore.

O melhor horário de ouvir o som é sempre no período do final da tarde, assim o caçador tem mais facilidade de audição.

Figura 28 – Momento em que o caçador faz uma comunicação utilizando a árvore



Fonte: Bekro Metuktire, 2016

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da pesquisa, concluímos que de fato existem muitas e diferentes formas de comunicação utilizadas ainda hoje pelo povo *Měbêngôkre*, que são valorizadas pelo povo e utilizadas na comunicação diária.

Tais formas de comunicação à distância são classificadas pelos mais velhos como formas de comunicação tradicionais e aquelas inovadoras, produzidas pelos mais jovens.

Acredito que este trabalho será muito importante para meu povo, no sentido do registro dos ideofones tradicionais presentes na língua *Měbêngôkre*, bem como, aqueles produzidas mais recentemente, de formas que acreditamos que são atualizados pelos mais jovens.

Consideramos ainda a possibilidade de explorar esse tema complexo, na escola onde trabalho com os jovens que já têm idade para utilizar tais formas de comunicação e se inserir mais na cultura.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Gabriel Antunes de. 2009. *Ideofones na Língua Sãotomense*. **PAPIA** 19, p. 23-37

BARTENS, Angela. 2000. *Ideophones and Sound Symbolism in Atlantic Creoles*. Kelsink: Academia Scientiarum Fennica.

QUINTINO, Wellington Pedrosa. 2012. Aspectos da fonologia Xavante e questões relacionadas: rinoglotalia e nasalidade. Tese de doutorado. UFRJ.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1986. **Línguas brasileiras. Para o conhecimento das Línguas Indígenas**. São Paulo: Loyola.

_____. 1999. *Macro Jê*. In: **The Amazonian Languages**. DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A.Y. (Eds.). Cambridge: Cambridge University Press. p.164-206.

_____. 2002. *Para o estudo histórico-comparativo das línguas Jê*. In: SANTOS, Ludoviko dos; PONTES, Ismael (Orgs.). **Línguas Jê: estudos vários**. Londrina: UEL. p.1-14.

CONSULTORES NATIVOS

Yobal Metuktire

Kapranteti Metuktire

Painba Metuktire

Durante a minha pesquisa três anciões da aldeia me ajudaram para eu desenvolver minha pesquisa acadêmica, sobre os ideofones em *Měbêngôkre* que sevem para se comunicarem durante a caçada. O conhecimento e as informações fornecidas pelo ancião *Yobal Metuktire* (de aproximadamente 80 anos) foram fundamentais nessa pesquisa. Este ancião me recebeu em sua casa para que eu pudesse fazer minha entrevista e obter as informações desejadas. Esta entrevista desenvolvi através de gravação de áudio, e em seguida transcrevi o seu depoimento na língua materna e por fim traduzi para língua portuguesa. As músicas que se referem a cada animal. Transcrevi apenas algumas músicas para exemplificar.

O ancião *Kaprenteti Metuktire* (de aproximadamente 65 anos) também foi muito importante. Ele me explicou sobre a importância do grito cotidiano na casa dos homens, falou do porquê do grito na casa dos homens. Também escrevi a partir do relato oral dele ter relatado verbalmente sobre o grito.

A anciã *Painba Metuktire* (de aproximadamente 65 anos) conhecedora sobre as regras dos gritos das mulheres, e outros processo de ritual na festa das mulheres. Relatou como se grita para se comunicar as outras, e o grito de chamamentos das mulheres. Esta entrevista foi gravada, transcrita e depois traduzida para a língua portuguesa.